

Sara & André
O Colecionador
de Belas-Artes

À memória de Mário Teixeira da Silva, João Esteves de Oliveira
e Maria da Graça Carmona e Costa.

To the memory of Mário Teixeira da Silva, João Esteves de Oliveira
and Maria da Graça Carmona e Costa.

O Colecionador #07 (Coleção Ivo Martins)

O Colecionador #07, 2021
Esmalte, óleo e marcador à base de
álcool sobre *platex* montado
em madeira
170 × 60 cm

Xana
Sem título, 1983/84
Tinta da china e guache sobre papel
(1 de 27 elementos)
22 × 31 cm

Álvaro Lapa
O Caderno de Rimbaud, 1987
Esmalte acrílico e grafite sobre *platex*
74,5 × 83 cm

Pedro Cabral Santo
Exit ("For You Guys"), 1998
Projeção de vídeo, cor,
som, 20' (em colaboração
com Ruy Otero)

Paulo Mendes
*Colecionador português e a arte da masturbação (natureza
morta com obras de Julião Sarmiento e de Rui Chafes)*, 1997
Brinquedos mecanizados, inox, som e sensor
de presença
110 × 70 × 130 cm

Ana Jotta
Ant Identity, 1983/95
Tecido, feltro, fita de tecido
cosida à máquina
102 × 110 cm

Joaquim Bravo
Série Sul Americanos, n.º4, 1988
Acrílico sobre tela
110 × 115 cm



Entrevistas / Interviews

Coleção
Ivo Martins

p. 50

Qual foi a primeira obra que comprou e qual a razão de a ter comprado?

Três fotografias de um fotógrafo meu amigo, de Santo Tirso, o Manuel Sousa. Era um fotógrafo muito interessante, que faleceu bastante jovem. A sua obra abordava temas rurais, imagens do quotidiano das aldeias do norte do país, tendo recebido vários prémios em diversos concursos de fotografia.

E qual a mais recente?

Nos últimos anos tenho adquirido conjuntos (núcleos) de obras. Neste sentido, torna-se difícil indicar a mais recente.

Qual será, em havendo, a particularidade ou foco da sua coleção?

A coleção não possui uma particularidade específica. É uma construção pessoal que se vem fazendo, ao longo do tempo, maioritariamente através de uma relação pessoal com os artistas.

Qual é o período ou a baliza cronológica que a coleção abarca?

Podemos encontrar obras que vão desde a década de 1970 até à atualidade.

Quantas obras a constituem?

Não sei ao certo. Alguns dos números constantes no inventário de Serralves a que tenho acesso incluem núcleos ou séries de desenhos, pinturas ou fotografias, e, neste sentido, torna-se complicado dar um número absoluto que confirme o total de obras da coleção.

De quantos artistas?

Mais ou menos 26 artistas. Todos portugueses.

Qual o artista mais representado na coleção?

Não sei. Alguns deles estão muito representados, com mais de 25 obras.

Todas as obras estão «à vista»? Se não, que percentagem de obras está exposta?

As obras não estão «à vista» pois encontram-se depositadas na Fundação de Serralves. Às vezes são expostas em Serralves ou emprestadas para outras instituições.

As obras que estão visíveis são regularmente substituídas?

(N/A).

* * *

O que forma um colecionador?

A vontade de expressar um gosto.

O que forma um artista?

Não sei.

Tem amigos «artistas»?

Alguns artistas são meus amigos. Sem a amizade deles, a coleção era outra.

O que forma um galerista?

Não sei.

Qual a importância das galerias de arte?

Atualmente, não sei.

Prefere comprar diretamente a artistas, através de galerias ou em leilões? Porquê?

Nunca comprei em leilões. Adquiri obras a artistas e galerias. Não tenho uma preferência sobre este assunto.

Existem outros agentes ou aspetos do meio artístico sobre os quais queira deixar algum comentário?

Não.

Quais as principais diferenças entre o primeiro e o segundo mercado? E quais as vantagens e/ou desvantagens de ambos?

Tendo em conta o modelo de pirâmide social e considerando a importância dos vários elementos e agentes do e no meio artístico, preencha a pirâmide abaixo utilizando os termos: artista, colecionador, crítico, curador, galeria, museu, os media ou outros que julgue mais apropriados.



* * *

Quanto dinheiro é preciso para começar a colecionar arte contemporânea?

Não sei. Penso que para começarmos uma coleção não é preciso muito dinheiro.

O que procura ao comprar uma obra?

Atualmente, dar continuidade a um projeto.

Que obra se arrepende de não ter comprado?

Muitas, que não adquiri porque não tinha dinheiro.

Que obra se arrepende de ter comprado?

Nenhuma.

Já vendeu alguma obra? Se sim, qual e/ou porquê (se nos for permitido perguntar)?

Não. Tenho a coleção em Serralves desde 1994 e nunca mexi no acervo.

Qual foi a obra mais cara que comprou?

Não quero dizer. Já foi há muito tempo e ainda por cima o preço era em escudos.

De que artista gostaria de um dia poder vir a comprar uma obra?

Nenhum. Nos primeiros anos da coleção, havia alguns artistas [dos quais] gostava de ter adquirido [obras], mas não foi possível.

* * *

Um colecionador deve ter algum tipo de responsabilidade de partilha da sua coleção com o público?

Não. O colecionador não tem de prestar um serviço público. O colecionismo é por essência uma prática egoísta.

Um colecionador deve ter algum tipo de responsabilidade mecenática no sentido do apoio às artes e em particular aos artistas?

Não acredito nas lógicas do mecenato, tal como ele se tem praticado atualmente, porque em geral estão alinhadas com o funcionamento do mercado.

Um colecionador tem algum tipo de responsabilidade perante a sociedade de preservação do património que possui?

Não sei. Não me sinto vinculado a nada. Não me interessa imaginar para onde vai a coleção depois de eu desaparecer.

Ponderaria criar um museu ou instituição para apresentar a sua coleção?

Eu pessoalmente não.

Ponderaria legar a sua coleção, ou parte dela, a uma instituição pública?

Como disse, não me interessa perspetivar um futuro para a coleção.

Que pergunta nunca lhe foi feita enquanto colecionador?

Nenhuma. Acho que já disse demasiadas coisas sobre a coleção.
A coleção não precisa de narrativas. Fala por si.

Se quiser aproveitar para nos fazer uma pergunta, deixamos aqui essa possibilidade.

Agradeço, mas prescindo desta oportunidade.

* * *

Uma característica que o diferencia da maior parte dos colecionadores com quem falámos é o facto de não habitar com nenhuma das peças da coleção, sendo que tal apenas aconteceu em ocasiões pontuais há já bastantes anos, estaremos corretos? Porque é que não existe a necessidade ou o desejo de ter as obras perto de si?

Não consigo explicar as razões de estar afastado das peças da coleção. É de facto verdade que não tenho peças da coleção comigo. Nos primeiros anos, ainda tive algumas pinturas e esculturas nas paredes do meu apartamento, mas com o decorrer do tempo fui-me afastando das obras que coleciono. Cheguei a dizer, quando questionavam sobre as razões desta distância, que o afastamento se deveria ao impacto emocional que as presenças das peças me causavam; neste momento não sei até que ponto isto é verdade; é um facto indesmentível que, com o passar do tempo, fui-me afastando das obras; poucas vezes as vi, a não ser nas três exposições em que foram apresentadas; nas duas primeiras, fiquei muito afetado emocionalmente, mas na última senti que estava mais controlado; hoje, não tenho muitas certezas sobre todas estas coisas; isto é, sobre as causas eventuais dessa distância, relativamente às obras da coleção. Na mais recente exposição da coleção, no CIAJG [Centro Internacional das Arte José de Guimarães], em 2017, Guimarães, convivi razoavelmente com os trabalhos expostos, não me sentindo tão afetado pela sua presença. Talvez esteja mais velho, mais despojado das coisas que tendencialmente fui acumulando — livros, discos, papéis...; talvez esteja mais preparado para assumir definitivamente o meu papel de acumulador de diversas coisas.

Num dos nossos encontros falou-nos sobre o talento e a prática de desenho do seu pai que, apesar de inspirador para si, devido a uma situação familiar bastante concreta, não o autorizou a prosseguir estudos na área das artes, tendo sido assim «obrigado» a optar pelo direito. Diria que a necessidade de colecionar surgiu de alguma forma como compensação desse (antigo e irrealizado) desejo?

Os meus pais nunca limitaram a minha forma de ser; antes pelo contrário, foram pessoas abertas e excecionais que sempre me apoiaram. Eram pessoas sensíveis e muito ricas em termos afetivos e culturais; as escolhas que fiz talvez reflitam esses valores; eu sempre estive em contacto com a arte e cultura; o meu pai era uma pessoa naturalmente dotada para o trabalho manual de criação (desenho, pintura, carvão, pastel, caricatura, retrato, *design* gráfico, medalhística, desenho de máquinas, heráldica...); fui convivendo de maneira natural com todos estes espaços de criação e senti de modo livre e aberto todo o potencial criativo que lhes estava implícito; foi um enorme privilégio ter tido acesso a todo um mundo de imagens, ao seu processo de construção, técnicas de elaboração e expressão, o lado mais artesanal do fazer artístico, processos, ideias, soluções...; tudo isto forneceu um conjunto importante de ferramentas que ajudaram a resolver muitas coisas no nosso dia a dia, em situações que estão para lá das meras questões artísticas; posso dizer que esta experiência foi única e pessoal, constituindo no seu conjunto uma grande escola de vida, fator determinante na constituição de uma identidade, impossível de ser concretizada nos habituais circuitos de ensino oficial.

Além de uma carreira na administração hospitalar, da programação das exposições no Centro Cultural Vila Flor pela qual é responsável há mais de uma década, dirige o festival *Guimarães Jazz* há quase 30 anos. Como consegue conciliar todas estas atividades? Que relação há — se houver — entre o *jazz* e a arte contemporânea? Também coleciona material relacionado com *jazz*?

Como deixei subentendido na pergunta anterior, a minha vida, a atividade profissional e as coisas a que me dediquei no domínio cultural são complementares; todas têm um centro comum que, no fundo, se resume à gestão de recursos; ou, se preferirem, uma certa capacidade de gerir determinados condicionalismos, com o objetivo de lhes retirar o maior partido possível; neste caso, não interessa se falamos de processos de arte, *jazz*, ou resolução de assuntos do nosso quotidiano, seja na gestão de hospitais, exposições, festivais de *jazz* ou música; tudo está unido e se relaciona; não vejo a vida em compartimentos fechados, apenas numa única vertente de ideias; o teu conhecimento e sensibilidade é aplicável de modo transversal e intuitivo a tudo o que fazes; se gostas de música, usas o que sabes para otimizar o que escutas; se gostas de arte, fazes o mesmo; se geres hospitais, usas todo um conjunto de conhecimentos que vão para lá das meras questões burocráticas e conceções economicistas; se gostas de *jazz*, ages no sentido de divulgar esta música, ultrapassando as situações diretamente relacionadas com ela; em tudo o que fazemos, podemos otimizar recursos, muitos deles situados nos nossos conhecimentos, que podem ser imensos e dos mais diversos géneros e áreas; é suscetível fazerem-se pontes entre os mais variados assuntos, como ligar áreas de conhecimento distantes e não imediatamente correlacionáveis; para mim, as melhores soluções são mistas; são opções formadas por diversos olhares e perspetivas sobre a mesma questão; as soluções mais interessantes são as que no seu interior albergam conflitos de diferentes espécies; o mais interessante da arte é que muitas das suas manifestações podem ser aplicadas ao nosso quotidiano; podem dar-nos soluções criativas e interessantes na solução de problemas; nunca acreditei na especialização, embora admita que esta pode ser necessária na resolução de diversos tipos de problemas; contudo, sempre tive muita dificuldade em ficar retido num só assunto durante muito tempo; posso dizer que me sinto um nómada, uma pessoa que nunca se fixou em lado algum, que percorreu diversos caminhos do conhecimento, assumidos em paralelo, mesmo correndo o risco de por vezes não ser compreendido. A minha necessidade de saber e conhecer foi sempre mais forte do que tudo o resto.

What was the first work you bought and why did you buy it?

They were three photographs by Manuel Sousa, from Santo Tirso, who is a friend of mine. He was a very interesting photographer who died at a fairly young age. His work dealt with rural themes, images of everyday life in the villages of the North of Portugal, and he won several prizes in various photography competitions.

And what is the most recent acquisition?

Over the last few years I've been acquiring various sets of works. So, it's difficult to indicate the most recent.

What, if anything, is the particularity or focus of your collection?

The collection has no specific characteristics. It is a personal construction that has been built up over time, primarily due to my personal relationships with artists.

What period or time frame does the collection cover?

There are works from the 1970s to the present day.

How many works are included in the collection?

I don't know for sure. Some of the items included in the Serralves inventory, that I have access to, include groups or series of drawings, paintings or photographs. So it's difficult to give an absolute figure that confirms the total number of works in the collection.

By how many artists?

Around 26 artists. All of which are Portuguese.

Which artist is most represented in the collection?

I don't know. Some of them are very well represented, with more than 25 works.

Are all the works 'on view'? If not, what percentage of the works are on display?

The works are not "on display" since they are deposited at the Serralves Foundation. Sometimes they are exhibited at Serralves or they are lent out to other institutions.

Are the works that are on display regularly replaced?

(N/A).

What makes a collector?

The desire to express a taste.

What makes an artist?

I don't know.

Do you have any 'artist' friends?

I have several artist-friends. Without their friendship, the collection would be different.

What makes a gallerist?

I don't know.

How important are art galleries?

Currently, I don't know.

Do you prefer to buy directly from artists, through galleries or at auctions? Why?

I've never bought from auctions. I've bought works from artists and galleries. I don't have any preference in this regard.

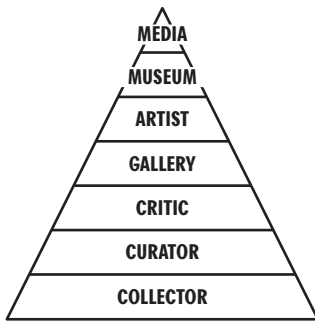
What are the main differences between the primary and secondary markets? And what are the advantages and/or disadvantages of both?

Are there any other agents or aspects of the arts that you would like to comment on?

No.

* * *

Taking into account the social pyramid model and considering the importance of the various elements and agents of, and in, the art world, fill in the pyramid below using the terms: artist, collector, critic, curator, gallery, museum, the media, or other terms you deem more appropriate.



How much money does it take to start collecting contemporary art?

I don't know. I think you don't need a lot of money to begin a collection.

What are you looking for when buying a work?

At present, I'm always aiming to continue a project.

Which work do you regret not having bought?

There are many works that I didn't buy because I didn't have the money.

Which work do you regret buying?

None.

Have you ever sold any work(s)? If yes, which one(s) and/or why (if we may ask)?

No. I've deposited my collection at Serralves since 1994 and I've never touched it.

What was the most expensive work you bought?

I don't want to say. It was a long time ago and the price was in Portuguese escudos.

Which artist would you like to be able to purchase a work by, one day?

None. In the early years of the collection there were several artists that I would have liked to have acquired [some works], but it wasn't possible.

Should a collector have some kind of responsibility to share their collection with the public?

No. Collectors don't have to provide a public service. Collecting is essentially a selfish practice.

Should a collector have some kind of patronage responsibility towards supporting the arts and in particular artists?

I don't believe in the logic of patronage as currently practised, because it is generally aligned with the way that the market works.

Does a collector have some kind of responsibility to society to preserve the heritage he or she owns?

I don't know. I don't feel any kind of responsibility towards anything. I'm not interested in thinking about where the collection will go after I die.

Would you consider creating a museum or institution to present your collection?

No, personally, I wouldn't.

Would you consider bequeathing your collection, or part of it, to a public institution?

As I said, I'm not interested in envisioning a future for the collection.

What question have you never been asked as a collector?

None. I think I've already said too many things about the collection.

The collection doesn't need a narrative. It speaks for itself.

If you would like to take the opportunity to ask us a question, we leave that possibility here.

I'm grateful, but I'd like to pass on this.

One characteristic that sets you apart from most of the collectors that we have spoken to is the fact that in general you don't live with any of the works from your collection, and this is something that has only happened on very rare occasions for several years now, is that right? Why don't you harbor any need or desire to have the works close to you?

I can't explain why I maintain a distance from the works in the collection. It's true that I don't have any works from the collection with me. In the early years, I still displayed a few paintings and sculptures on the walls of my flat, but as time went by I drifted away from the works that I have collected. When asked about this distance, I used to say that it was due to the emotional impact that the presence of the works had on me; but I no longer know to what extent this is true; it's undeniable that over time I've drifted away from the works; I've rarely seen them, except for the three exhibitions in which they were presented; the first two really moved me, but in the most recent exhibition I felt

I was calmer and had greater self-control. Today I'm not too sure about any of these things; in other words, about the possible causes of my distance from the works in the collection. For the most recent exhibition of my collection, held at the CIAJG [José de Guimarães International Centre for the Arts] in Guimarães in 2017, I lived reasonably close with the works on display and didn't feel so affected by their presence. Perhaps I'm older, less attached to the things that I've tended to accumulate – books, records, papers...; perhaps I'm more prepared to definitively assume my role as an accumulator of various things.

At one of our meetings you told us about your father's talent and practice of drawing, which, although inspired you, due to a very specific family situation, didn't make you feel that you were authorised to study art and you were therefore 'forced' to study law. Would you say that your need to collect art somehow compensated for this (long-cherished and unrealised) desire?

My parents never limited my way of being; on the contrary, they were open and exceptional people who always supported me. They were sensitive people and very rich in emotional and cultural terms.

The choices I have made perhaps reflect these values.

I have always been in contact with art and culture; my father was naturally gifted in terms of manual creative work (drawing, painting, charcoal, pastel, caricature, portraiture, graphic design, medals, machine design, heraldry...); I had a natural interaction with all these creative spaces and felt freely and openly all the creative potential implied in them.

It was a tremendous privilege to have had access to a whole world of images, and be able to observe their construction process, techniques of elaboration and expression, the more artisanal dimension of artistic creation, processes, ideas, solutions... All of this provided an important set of tools that helped solve many things in our daily lives, in situations that go beyond mere artistic issues. I can say that this experience was unique and personal, and as a whole served as a great school of life, a determining factor in the constitution of my identity, that would have been impossible to achieve in the regular official education circuits.

As well as a career in hospital administration, programming exhibitions at the Vila Flor Cultural Centre, for which you've

been responsible for over a decade, you've been running the Guimarães Jazz festival for almost 30 years. How do you manage to combine all these activities? What relationship is there – if any – between jazz and contemporary art? Do you also collect jazz-related material?

As I implied in the previous question, my life, my professional activity and the things that I've dedicated myself to in the cultural field are complementary; they all have a common center, that basically boils down to resource management; or, if you prefer, a certain ability to manage certain constraints, in order to make the most of them. In this case, it doesn't matter whether we're talking about art processes, jazz, or resolving issues in our daily lives, whether it's managing hospitals, exhibitions, jazz festivals or music; everything is connected and related; I don't see life in closed compartments, in a single strand of ideas. Your knowledge and sensitivity applies broadly and intuitively to everything you do; if you like music, you use what you know to optimize what you listen to; if you like art, you do the same. If you manage hospitals, you use an entire body of knowledge that extends beyond mere bureaucratic issues and economic concepts. If you like jazz, you act to promote this musical genre, moving beyond situations that are directly related to it.

In everything we do, we are able to optimize resources, many of which are located in our knowledge, which can be immense and from the most diverse genres and areas. It is possible to build bridges between the widest possible range of subjects, such as linking distant and not immediately connected areas of knowledge.

I personally prefer mixed solutions. They are options formed by different views and perspectives on the same issue. The most interesting solutions are those that harbor various different types of conflict. The most interesting thing about art is that many of its manifestations can be applied to our daily lives. They can give us creative and interesting solutions to problems. I have never believed in specialization, although I admit that it can be necessary in order to solve different types of problems. However, I have always found it very difficult to focus exclusively on one subject for long. I feel more like a nomad, someone who has never settled anywhere, who has traversed

different paths of knowledge, pursued in parallel,
even at the risk of sometimes not being understood.
My strongest drive has always been my need to know.

O Colecionador #07, 2021

Enamel, oil, and alcohol-based marker on hardboard mounted
on wood
170 × 60 cm

Xana

Untitled, 1983/84

Indian ink and gouache on paper (1 of 27 elements)
22 × 31 cm

Álvaro Lapa

O Caderno de Rimbaud, 1987

Acrylic enamel and graphite on hardboard
74.5 × 83 cm

Pedro Cabral Santo

Exit ("For you guys"), 1998

Video projection, colour, sound, 20'
(in collaboration with Ruy Otero)

Ana Jotta

Ant Identity, 1983/95

Fabric, felt, machine sewn fabric strip
102 × 110 cm

Paulo Mendes

*Colecionador português e a arte da masturbação (natureza morta
com obras de Julião Sarmento e de Rui Chafes), 1997*

Mechanical toys, stainless steel, sound, and presence sensor
110 × 70 × 130 cm

Joaquim Bravo

Série Sul Americanos, No. 4, 1988

Acrylic on canvas
110 × 115 cm

Vistas de exposição
/
Installation Views

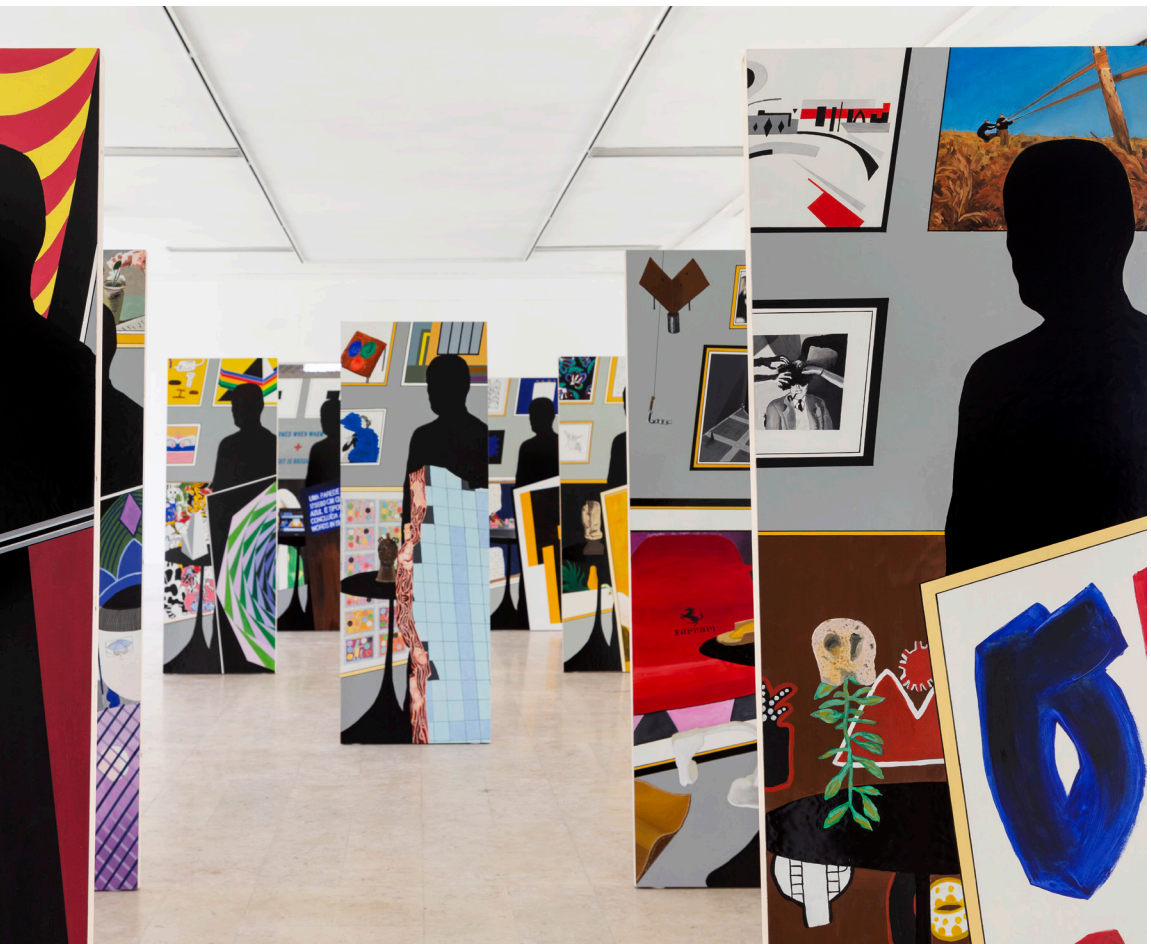












Sara & André

O Colecionador de Belas Artes

Galeria Quadrum

09/04 – 19/06/22

Vereador da Cultura da CML |

Culture Councillor

Diogo Moura

Conselho de Administração da EGEAC |

EGEAC Board of Directors

Pedro Moreira, Susana Graça, Gonçalo Reis

GALERIAS MUNICIPAIS | MUNICIPAL GALLERIES

Diretora | Director

Sara Antónia Matos

Diretor adjunto | Deputy Director

Pedro Faro

Adjunta de direção | Director Assistant

Flávia Violante

Adjunta de Gestão | Executive Assistant

Maria da Luz Martins

Secretariado | Secretary

Dulce Castro

Arquitetura de Exposição | Exhibition

Architecture

André Maranhã

Performance e Música | Performance and Music

Paula Nascimento

Coordenadora de Comunicação |

Communication Coordinator

Susana Sena Lopes

Publicações | Publications

Paula Nascimento, Rita Duro

Residências da Boavista | Boavista Residencies

Patrícia Guerreiro

Coordenadora de Produção |

Production Coordinator

Flávia Violante

Produtores | Producers

João G. Rapazote, Luísa Cardoso,

Patrícia Guerreiro, Rita Queiroga

Coordenadora de Mediação |

Mediation Coordinator

Helena Tavares

Mediação | Mediation

**Andreia Frazão Pires, Bárbara Bulhão,
Catarina Nascimento, Daniel Peres,
Elisa Aragão, Inês Louro, João Gaspar,
Jorge Catarino, Luísa Cardoso,
Margarida Rodrigues, Mariana Branco,
Marisa Nunes, Pedro Gonçalves.**

CATÁLOGO | CATALOGUE

Edição | Published by

© **Galerias Municipais | EGEAC, 2024.**

Textos e Entrevistas | Texts and Interviews

© **Os autores**

Design Gráfico | Graphic Design

Márcia Novais

Paginação | Layout

Mariana Marques

Fotografia | Photography

Bruno Lopes

Tradução | Translation

**KennisTranslations (posfácio de | afterword
by Tobi Maier e o texto | and text Colecionar |
Collecting de | by Sara & André)
Martin Dale**

Revisão | Proofreading

**Daniel Peres, João Gaspar,
Jorge Catarino, Rita Duro**

A adoção do acordo ortográfico varia de acordo
com o critério de cada autor. | The adoption
of the orthographic agreement varies according
to each author's norm.

GALERIAS MUNICIPAIS

Palácio dos Coruchéus

Rua Alberto de Oliveira

1700-019 Lisboa, Portugal

+351 215 830 010

info@galeriasmunicipais.pt

www.galeriasmunicipais.pt

Produção Gráfica | Printing
Guide, Artes Gráficas, Lda

Impressão | Print run

400 exemplares | copies

Depósito Legal | Legal Deposit 531216/24

ISBN

978-989-35606-6-2



EGEAC

**galerias
municipais**